

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

Submetido em: 18/3/2025

Aceito em: 19/11/2025

Publicado em: 24/03/2026

Soraia Sabbad Guedes Campos Galdi¹

Claudia Helena Azevedo Alvarenga²

PRE-PROOF

(as accepted)

Esta é uma versão preliminar e não editada de um manuscrito que foi aceito para publicação na Revista Contexto & Educação. Como um serviço aos nossos leitores, estamos disponibilizando esta versão inicial do manuscrito, conforme aceita. O manuscrito ainda passará por revisão, formatação e aprovação pelos autores antes de ser publicado em sua forma final.

<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2026.123.17091>

RESUMO

O artigo examina a retórica do cotidiano docente na pandemia em 2020, descrita no texto da canção *Samba do Ensino Remoto*, para identificar as representações sociais de trabalho docente naquele contexto. Naquele ano pandêmico, a substituição abrupta das aulas presenciais pelo ensino remoto reconfigurou as práticas docentes e desafiou a comunidade escolar. A canção descreve o inédito cotidiano da perspectiva docente, revelando as tensões daquele período. Nas Representações Sociais, o conhecimento leigo, elaborado no senso comum, serve de matéria-prima para expor os posicionamentos dos atores sociais em contextos situados. A metáfora é a figura de pensamento, afirmada por Mazzotti (2003), que condensa e coordena os discursos que engendram as representações sociais. Nessa

¹ Universidade Estácio de Sá – UNESA. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2893-2737>

² Universidade Estácio de Sá – UNESA. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro/RJ, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-6984-6069>

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

perspectiva, a metáfora constitui o ponto de confluência das teorias que fundamentam este artigo. Assim, a análise conjuga a Teoria da Argumentação, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), que resgata a retórica aristotélica para raciocinar acerca de valores, e as Metáforas Conceituais de Lakoff e Johnson (2002) para identificar as representações sociais de trabalho docente por professores que ensinam nas escolas. Como resultado, a metáfora RECIPIENTE emerge como modelo ou núcleo figurativo das representações sociais de trabalho docente por professores no contexto pandêmico. O computador é o RECIPIENTE que substitui o espaço físico da escola, operando como cela que, ambigualmente, aprisiona e liberta, por constituir-se no meio possível para a manutenção do processo de escolarização.

Palavras-chave: ensino remoto; educação básica na pandemia; representações sociais; teoria da argumentação; metáfora conceitual.

**MY HOME, MY SCHOOL, MY COMPUTER: THE RHETORIC
OF EVERYDAY TEACHING DURING THE 2020 PANDEMIC**

ABSTRACT

The article examines the rhetoric of everyday teaching during the 2020 pandemic, as described in the lyrics of the song *Samba do Ensino Remoto*, to identify the social representations of teaching work in that context. In that pandemic year, the abrupt replacement of face-to-face classes with remote teaching reconfigured teaching practices and challenged the school community. The song describes the unprecedented school routine from the teachers' perspective, revealing the tensions of that period. In Social Representations, lay knowledge, elaborated in common sense, serves as raw material to expose the positions of social actors in situated contexts. The metaphor is the figure of thought, as affirmed by Mazzotti (2003), that condenses and coordinates the discourses that engender social representations. From this perspective, metaphor constitutes the point of confluence of the theories that underpin this article. Thus, the analysis brings together the Theory of Argumentation proposed by Perelman and Olbrechts-Tyteca (1996), which recovers Aristotelian rhetoric to reason about values, and Lakoff and Johnson's Conceptual Metaphors (2002) to identify the social representations of teaching work by teachers who

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

teach in schools. As a result, the CONTAINER metaphor emerges as the model or figurative core of the social representations of teaching work by teachers in the pandemic context. The computer is the CONTAINER that replaces the physical space of the school, operating as a cell that ambiguously imprisons and frees, as it is the possible means of maintaining the process of schooling.

Keywords: remote education; K-12 education in the pandemic; social representations; theory of argumentation; conceptual metaphor.

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2020, com o início da pandemia de Covid-19 no Brasil e o consequente fechamento das escolas, uma série de situações novas foram experimentadas pelos professores no âmbito profissional. Medidas preventivas para a contenção da doença passaram a vigorar em todo o país, e o novo contexto obrigou as instituições escolares a modificarem sua forma de trabalho, inaugurando outras maneiras de ensinar e interagir.

Com o fechamento das instituições de ensino e a súbita migração para o espaço virtual de forma emergencial e sem planejamento prévio, o ensino remoto se tornou a alternativa viável para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem, permitindo um novo entendimento acerca do trabalho do professor na nova configuração social. Moreira e Schlemmer (2020) explicam que o ensino remoto ou aula remota passou a ser utilizado em diferentes níveis de ensino ao redor do mundo devido às restrições impostas pela Covid-19, implicando no distanciamento geográfico entre professores e alunos.

Ao ser subitamente adotado pelas instituições escolares, em decorrência da pandemia, o ensino remoto assumiu um caráter diferenciado, com outra denominação para manifestar o real significado naquele contexto: Ensino Remoto Emergencial (ERE). Assim, Dias-Trindade, Correia e Henriques (2020, p. 6) afirmam:

O ensino remoto emergencial resulta, pois, de uma resposta imediata a uma crise, concretamente provocada pela pandemia COVID-19, com o objetivo de manter as atividades letivas. Traduz-se numa mudança rápida dos processos de ensino e aprendizagem presenciais para modelos alternativos, tecnologicamente mediados.

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

As mudanças súbitas e inesperadas reconfiguraram o ambiente escolar, modificando as relações sociais conhecidas até então, com visíveis implicações para o trabalho do professor. Historicamente, as mudanças na educação não costumam ocorrer de forma súbita, o que permite distinguir o ano de 2020 como singular e desafiador para a educação, sendo igualmente propício a transformações, como atestam Nóvoa e Alvim (2021, p. 3):

As grandes mudanças da história da humanidade são lentas, acontecem num tempo longo. No caso da educação, esse tempo é mesmo longuíssimo. Nada se transforma de repente, num instante. Mas esta continuidade longa é marcada por sobressaltos, por episódios que podem alterar o rumo dos acontecimentos. A história define-se e esclarece-se no encontro entre a longjura e a brevidade.

Nesse novo panorama, o ensino remoto emergencial tornou-se realidade e passou a integrar a rotina escolar, demandando a familiarização com uma conjuntura desconhecida para o trabalho docente nas escolas em geral. A transição súbita do processo de ensino-aprendizagem do espaço presencial para o virtual representou um momento de transformação e adaptação do trabalho docente, exigindo a ambientação da interação mediada pela tecnologia. Assim, as dificuldades enfrentadas e o despreparo diante da nova modalidade de ensino tanto para as instituições quanto para os docentes constituíram desafios a serem contornados. No âmbito emocional, o panorama de angústia ficou amplificado por sentimentos de ansiedade e medo do contágio e da morte (Dias, 2021). Além disso, diante das condições precárias para a realização do aprendizado escolar em 2020 de modo virtual, persistia a ameaça recorrente de um retorno presencial, ainda que sem a disponibilidade de vacina ou meios seguros para suspender o distanciamento social (Alvarenga; Mazzotti, 2023).

Fenômenos sociais, como o mencionado, podem ser investigados sob a perspectiva da Psicologia Social, utilizando teorias que visem expor seus significados. Nessa perspectiva, as Representações Sociais, fenômeno identificado por Serge Moscovici (2012), mostram-se apropriadas para interpretar a realidade e depreender os sentidos construídos pelos sujeitos sociais a partir de experiências vividas em um contexto historicamente situado. Isso se torna particularmente relevante, quando eventos específicos provocam rupturas que afetam a vida cotidiana, introduzindo objetos não familiares, que precisam ser

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

ressignificados, como foi o caso da crise sanitária em 2020 e os desdobramentos decorrentes desse cenário para a educação escolar.

Sob a ótica das Representações Sociais e por meio da análise retórica proposta pela Teoria da Argumentação, de Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (1996), na qual a materialidade do discurso se faz na interlocução entre atores sociais, é possível gerar dados significativos para examinar o trabalho docente nessa circunstância.

A letra da canção *Samba do Ensino Remoto*, selecionada para análise, permite examinar a comunicação, as adesões e as rejeições, o que se diz desejável, expondo os argumentos de quem enuncia (fala ou escreve) para descrever o que se diz ser o real. A análise retórica permite colocar à mostra a metáfora que coordena os discursos ao desvelar valores e crenças defendidos pelo orador, e explorar os significados que foram sendo paulatinamente constituídos e compartilhados no cenário de mudanças do cotidiano escolar durante a pandemia em 2020.

A metodologia proposta utiliza a retórica aristotélica, ampliada pela Nova Retórica em fins da década de 1950, cujos expoentes foram Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. Ao expandir a retórica aristotélica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) investigam os modos de se ponderar acerca de valores, organizando o *Tratado da Argumentação*, no qual apresentam as técnicas argumentativas situadas na interlocução orador-auditório. Os autores também apresentam os esquemas mais comuns de pensamento, que ligam e separam elementos do discurso, de modo a evidenciar o que se faz persuasivo, ou seja, os argumentos mais propícios a obter a adesão do auditório a quem o orador se dirige em diversos contextos da comunicação.

A análise retórica para investigar representações sociais é uma proposição de Mazzotti (cf. Mazzotti, 2011), possibilitando não apenas elucidar as questões relativas à influência social (persuasão) na relação entre grupos (orador-auditório), mas também como os atores sociais argumentam na ressignificação de um objeto em debate.

O ensino remoto emergencial trouxe muitas incertezas, dúvidas e questionamentos para o trabalho docente em 2020, em um contexto de ruptura com o ensino presencial. Para lidar com a novidade, os grupos sociais precisaram se apropriar da nova realidade, buscando integrá-la a um sistema de valores já constituído, um processo típico de formação das

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

representações sociais. Assim, a análise retórica, como método de análise para a investigação em Representações Sociais, permite um estudo consistente acerca das narrativas, no caso, do que se diz ser o trabalho docente no contexto pandêmico. A retórica visa, na análise da tríade orador-auditório-argumento, examinar o processo psicossocial de construção das representações sociais (Mazzotti, 2011).

Os significados deflagrados a partir do contexto de ruptura que a pandemia proporcionou, no qual professores vivenciaram a virada do trabalho presencial para o remoto e a consequente transferência da execução de tarefas profissionais para a esfera doméstica, expuseram o cenário desafiador para a educação. Nessa perspectiva, a música, por meio da canção, estabelece um vínculo com a realidade cotidiana por meio do discurso poético. Como argumenta Costa (2003), a canção estabelece uma fusão das modalidades escrita e oral pelo texto que se expressa na vocalização (canto), vinculando os discursos cotidiano e lítero-musical. Por sua versatilidade, a poesia da canção ultrapassa a palavra como uma marca expressiva, simbólica e identitária, visto que agrega o discurso musical com melodias, gêneros, ritmos, texturas, timbres, entre outros elementos musicais, além das nuances que envolvem a interpretação literária e a *performance*.

Para este artigo, nossa análise focaliza a letra (poética) da canção *Samba do Ensino Remoto*, sem abordar os aspectos da estrutura musical. O poema foi escrito por uma professora, inserida na condição histórica da pandemia em 2020. A análise retórica da canção será utilizada como ponto de partida para investigar as representações sociais de trabalho docente, uma vez que a canção se espalhou rapidamente nas mídias sociais ao expressar a voz dos professores que viveram esse momento de mudança abrupta. Nesse sentido, a análise expõe a relevância da poética para a construção do conhecimento psicossocial. Assim, esse estudo visa responder à seguinte questão: quais são as representações sociais dos professores acerca do trabalho docente no contexto do ensino remoto emergencial durante a pandemia em 2020?

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, RETÓRICA E METÁFORAS CONCEITUAIS

Apresentada como fenômeno por Serge Moscovici em 1961, por meio de sua tese de doutoramento transformada em livro, *La Psychanalyse, son image et son public*, as Representações Sociais têm percorrido uma trajetória significativa em estudos de Psicologia Social. Moscovici (2012) defende o conhecimento do senso comum como saber legítimo, e a representação social de um objeto, como fenômeno, é produto dessa expressão. Nas interações sociais, por meio da comunicação, as representações ganham forma, transformando algo não familiar em familiar, permitindo conhecer o objeto novo e adaptá-lo enquanto saber socialmente compartilhado, que opera como guia para as ações humanas. Moscovici (2012, p. 27) afirma que “a representação social é uma modalidade de conhecimento particular tendo a função de elaboração dos comportamentos e da comunicação entre os indivíduos”. O autor defende que o conhecimento do senso comum não pode ser negligenciado, e ressalta a função das representações sociais constituídas nas práticas comunicativas e comungadas na vida cotidiana.

Como seres sociais, deparamo-nos constantemente com acontecimentos que colocam questionamentos próprios de nossos mundos intersubjetivos, a partir dos eventos que se apresentam. Somos confrontados, vez ou outra, com novidades nas relações sociais, que nos fazem questionar, enquanto “pesquisadores amadores” (Moscovici, 2012), tudo o que se refere a um novo objeto de interesse no cenário social, que começa a tomar forma e ser categorizado como um saber do senso comum a partir das interações, seja em conversações, artigos jornalísticos, imagens mediáticas, e mais recentemente, por meio do mundo cibernético. Sá (1998, p. 43) afirma que “reserva-se aos meios de comunicação de massa um papel destacado na compreensão dos processos de formação e circulação das representações nas sociedades contemporâneas”. É a comunicação, portanto, a mola-mestra da gênese das representações sociais, conforme constata Moscovici (2003, p. 40):

Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações. Na realidade, é isso que as caracteriza. [...] Sempre e em todo lugar, quando nós encontramos pessoas ou coisas e nos familiarizamos com elas, tais representações estão presentes. A informação que recebemos, e a

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

qual tentamos dar um significado, está sob seu controle e não possui outro sentido para nós além do que elas dão a ele.

Moscovici (2012, p. 28) ainda afirma que “a representação social é um corpo organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças aos quais os homens tornam a realidade física e social inteligível [...]”. Esse corpo organizado de conhecimentos tem uma face figurativa e outra simbólica, nomeada *modelo* ou *núcleo figurativo* (Moscovici, 2012). Avançando nessa formulação, Mazzotti (2003, p. 92) afirma que “as metáforas se encontram no centro de representações sociais”, pois condensam significados por meio de analogias. Portanto, desvelar a metáfora que coordena os discursos acerca de um objeto significa identificar a própria representação social (Mazzotti, 2003).

A partir das trocas comunicativas, elaboramos nossas percepções acerca dos objetos que se apresentam, sem fronteiras que separem o mundo interno do externo, e sem as limitações ou amarras do saber científico. Assim, como fenômeno, as representações sociais permitem identificar os significados de trabalho docente no contexto pandêmico, instituídos e compartilhados nos discursos dos sujeitos sociais, sendo a poética e a canção um meio para expressar as representações.

Quanto à Retórica, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) identificam e reabilitam os três elementos fundamentais da retórica aristotélica – o orador (*ethos*), o auditório (*pathos*) e o discurso (*logos*) –, destacando o papel do auditório para a eficácia da argumentação, seja oral ou escrita. Para a argumentação ser admitida, o orador precisa considerar o auditório e os valores enaltecidos e compartilhados, recorrendo aos esquemas argumentativos mais adequados para influenciar e obter a adesão.

Portanto, a Nova Retórica restaura e amplia a retórica aristotélica, permitindo analisar a situação comunicativa considerando o orador (*ethos*), o auditório (*pathos*) e o discurso (*logos*) como elementos indissociáveis e igualmente úteis para a análise de significados. A tríade aristotélica constitui a dinâmica básica da comunicação, e suas partes não podem ser isoladas nem descontextualizadas, sob pena de que os significados instituídos na comunicação não sejam devidamente interpretados.

Ao ser reabilitada, a Retórica reassume seu papel como teoria da argumentação e técnica do discurso persuasivo, possibilitando não apenas elucidar como os elementos do

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

discurso operam na argumentação, mas também evidenciar os tipos de argumentos destacados pelo orador ao defender suas teses. A antiga roupagem, revitalizada e restituída à nova retórica, permite examinar figuras de linguagem como figuras do pensamento, em vez de meras figuras de estilo (Perelman, 1993). Dentre as técnicas argumentativas apresentadas, interessa-nos especialmente a metáfora que, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996, p. 453), opera uma “analogia condensada” ao estabelecer ligações entre elementos aparentemente distantes do discurso, funcionando como eixo organizador do pensamento, o que detalharemos mais adiante.

De qualquer modo, no decurso da argumentação, para uma tese ser aceita, o orador deve identificar os objetos de acordo, isto é, os argumentos com os quais o interlocutor naturalmente concorda, responsáveis por construir o vínculo de que precisa para estabelecer o “contato dos espíritos” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 17). Esse contato, necessário a toda argumentação para desenvolver o diálogo, requer “apreço pela adesão do interlocutor, pelo seu consentimento, pela sua participação mental” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 18). Em outras palavras, a aquiescência do auditório demarca a eficácia da argumentação.

Em confluência com a Teoria da Argumentação (Nova Retórica), nossa análise circunscreve igualmente o campo das Metáforas Conceituais, propostas por Lakoff e Johnson (2002). Os autores afirmam que o pensamento metafórico orienta nossa forma de pensar, agir e experienciar o mundo por meio de nossos *sistemas conceituais ordinários*. Neste sentido, o raciocínio metafórico se baseia em todo um sistema conceitual que usamos para compreender nossas experiências cotidianas no mundo, e que pode variar de uma cultura para outra. Assim, em nosso sistema cognitivo, “[...] um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 59).

Os autores também identificam as *metáforas orientacionais* – baseadas em orientações espaciais (para cima / para baixo) – e as *metáforas ontológicas* – baseadas no contorno que o corpo nos dá (dentro / fora). As metáforas ontológicas decorrem da necessidade humana de demarcar territórios e superfícies, estabelecendo limites entre objetos, sejam estes físicos ou abstratos. “Nós somos seres físicos, demarcados e separados do resto do mundo pela superfície de nossas peles; experienciamos o resto do mundo como algo fora de nós. Cada um de nós é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

orientação dentro-fora” (Lakoff; Johnson, 2002, p. 81). Dentre as metáforas ontológicas, encontramos as *metáforas de recipientes* – RECIPIENTE ou CONTAINER, que serão examinadas mais adiante.

Em suma, as representações sociais fornecem o quadro geral para compreender o fenômeno psicossocial de ressignificação do trabalho docente no contexto pandêmico de 2020; a articulação desse referencial com a Teoria da Argumentação, formulada na Nova Retórica (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996), que examina os esquemas argumentativos admitidos ou rejeitados, e com a teoria das Metáforas Conceituais (Lakoff; Johnson, 2002), centrada nos sistemas cognitivos corporificados que estruturam a experiência, converge para a análise da metáfora como *núcleo figurativo* das representações sociais (Mazzotti, 2003). Essa mobilização de arcabouços teóricos que interseccionam Psicologia Social, Estudos do Discurso e Educação visa à construção de um modelo rigoroso que permita uma análise consistente dos significados presentes no material poético selecionado.

Seguimos para a análise retórica dos versos da canção *Samba do Ensino Remoto*.

3 A ANÁLISE RETÓRICA

3.1 SAMBA DO ENSINO REMOTO

O *Samba do Ensino Remoto* é de autoria da professora e coordenadora do curso de Terapia Ocupacional da Unifesp, em Santos, Stella Maris Nicolau (Samba, 2020). Tem a participação do músico Felipe Bemol que toca violão e canta trechos, ora sublinhando em uníssono a voz da professora, ora em alternância com ela, ora em estilo imitativo. O samba foi propagado nas redes sociais por meio de um vídeo disponível no canal do *Youtube* da APUFSC Sindical (Samba, 2020), do Sindicato da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com grande adesão entre professores. Os versos expressam a extensa gama de sentimentos e tarefas vivenciadas por professores com a mudança súbita do ensino presencial para o ensino remoto na pandemia em 2020.

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

Para este artigo, como mencionado anteriormente, não examinamos os elementos de estrutura musical. Nosso recorte focaliza a análise retórica do poema, que apresentamos a seguir (Samba, 2020):

Samba do Ensino Remoto
(Stella Maris Nicolau, 2020)

Vou confessar uma agonia,
Sou professora na pandemia.
Desabafar a minha dor,
Pois desde março eu moro no computador.
É Google meet, é aula síncrona e assíncrona,
É uma novela pra compartilhar a tela.
É o aluno que não liga o microfone,
Abre essa câmera e me diga o seu nome.
Desabafar a minha dor,
Pois desde março eu moro no computador.
É videoaula pra inserir na plataforma,
Sedentarismo me deixou fora de forma.
É profusão de link para reunião,
É o maremoto chamado ensino remoto.
Desabafar a minha dor,
Pois desde março eu moro no computador.

Os versos descrevem o trabalho docente na pandemia e os inúmeros desafios enfrentados pelos professores nas escolas em 2020. A análise retórica de elementos do discurso aponta para representações sociais de trabalho docente por professores nesse contexto, na medida em que o professor é confrontado em seu cotidiano por um novo objeto – a reconfiguração do seu próprio trabalho.

3.2 A AMPLIFICAÇÃO DO DISCURSO

A Teoria da Argumentação, proposta por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), permite a análise do material discursivo, e expõe os esquemas argumentativos que se mostram persuasivos, utilizados pelo orador/*ethos* (quem fala ou escreve). A Teoria da Argumentação toma a tríade orador-auditório-discurso, identificando as técnicas argumentativas utilizadas para se obter a adesão do auditório (*pathos*). Segundo Mazzotti (2011), submeter o material discursivo à análise retórica significa expor os implícitos, os

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

valores, e outros esquemas do pensamento que sustentam os argumentos e orientam a interpretação que os atores sociais fazem da realidade, bem como as atitudes que adotam, portanto, expor os esquemas retóricos propicia identificar as representações sociais.

Os versos em análise, que caracterizam o trabalho docente, têm uma professora (*ethos*) como porta-voz. Ao apresentar-se como professora na pandemia, a oradora declara sua identidade social, assim como a dimensão social de sua atuação, sintetizando o *ethos* do grupo que representa – os docentes.

As palavras “agonia” e “dor”, que aparecem nos versos iniciais da canção, revelam sentimentos comuns experimentados pelos professores que se viram deslocados do espaço presencial para o virtual repentinamente. Em “vou confessar uma agonia”, a autora tem em vista estabelecer a comunhão com o auditório ao qual se dirige, em um tom intimista e confessional, de modo a suscitar sentimentos de solidariedade, buscando mobilizar o auditório para a sua causa ao compartilhar seus sentimentos.

O refrão (“Desabafar a minha dor / Pois desde março eu moro no computador”), que nas canções se caracteriza pela repetição de versos entremeados a cada estrofe, tem a função de amplificar o discurso, destacando os itens que o orador julga relevante em sua narrativa. Sob o prisma da retórica, a *repetição* é um esquema argumentativo que cumpre finalidades múltiplas no discurso, sendo o mais evidente intensificar a presença do objeto na mente, uma vez que “a presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 132). Para os autores, repetir extrapola a noção de presença no discurso, uma vez que: 1) a repetição pode conduzir à hipérbole pelo valor cada vez mais acentuado; 2) a repetição pode sugerir um *continuum* de ideias em progressão; 3) a repetição de palavras pode indicar diferentes significados, como em certas tautologias, por exemplo, “trabalho é sempre trabalho”.

Nesse caso, o refrão, como *repetição*, apela a uma imagem concreta e inusitada (“morar no computador”), recorrendo à *hipotipose* (*demonstratio*) para sustentar a amplificação. A hipotipose “é uma forma de descrever os acontecimentos que os tornem presentes à nossa consciência” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 190). O computador como moradia se situa no limite do exagero (hipérbole) cuja função é chamar a atenção do auditório, emocionar o interlocutor. A *repetição*, a *hipérbole* e a *hipotipose* são *figuras de*

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

amplificação do discurso, que se apoiam comumente nos *lugares da quantidade*, de que trataremos mais adiante.

Assim, o refrão ilustra a nova realidade transferida para o espaço virtual, em que o computador é o novo *locus* da escola, espaço de encontro, agora situado na esfera doméstica, nas casas de professores e alunos, em torno do qual todos interagem devido ao distanciamento social que a crise sanitária impôs.

A estrofe (“é Google meet [...] e me diga o seu nome”) mostra todos os tipos de dificuldades presentes na nova realidade de ensino mediada pelo computador. O ensino remoto emergencial apresenta ao professor não apenas desafios tecnológicos que evidenciam seu despreparo técnico, mas também as dificuldades na interação professor-aluno intermediada pela tecnologia, na qual o professor não está mais no controle da situação. A autora descreve as inúmeras atribuições dos professores nesse novo espaço de trabalho (aulas síncronas, assíncronas, compartilhamento de tela), bem como o tumulto provocado pelos múltiplos eventos que desestabilizam a rotina para realizar uma aula remota, argumentando no *lugar da quantidade*, e manifestando que o excesso de tarefas sob responsabilidade do professor não proporciona o ambiente adequado de aprendizado.

Os *lugares da argumentação*, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), sustentam valores que o orador privilegia ao embasar seus argumentos para obter a adesão do auditório. São “premissas de ordem muito geral” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 94) que operam como estoques comuns de argumentos aceitos pelo auditório e sobre os quais o orador fundamenta seu discurso, visando obter a adesão dos interlocutores. Na estrofe analisada, o *lugar da quantidade* é acionado para reforçar o argumento de que há um excesso de tarefas para o professor executar no ambiente do ensino remoto. Nesse sentido, a quantidade opõe-se ao *lugar da qualidade*, uma vez que a demasia pode depor contra a qualidade do trabalho docente.

A estrofe seguinte (“É videoaula pra inserir [...] chamado ensino remoto”) segue enumerando os problemas relacionados ao aumento do trabalho docente com o ensino remoto, como a inserção de videoaulas em plataformas e a profusão de *links* para reuniões *on-line*, reforçando a argumentação no *lugar da quantidade*.

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

Enfim, as estratégias de amplificação do discurso tratam tanto da seleção dos argumentos como dos modos de apresentação e de adaptação da argumentação para influenciar ou mobilizar o auditório.

3.3 O ENTIMEMA OU SILOGISMO RETÓRICO

O refrão também possibilita a análise do argumento da oradora, construído por premissas implícitas, resultando na conclusão “Pois desde março eu moro no computador”, conduzindo ao silogismo como raciocínio. A estrutura silogística se caracteriza por apresentar uma conclusão a partir de duas proposições (premissas). É um raciocínio lógico que parte de uma premissa maior (afirmação geral) e uma premissa menor (afirmação específica) para chegar a uma conclusão – inferência ou dedução (Mazzotti, 2013).

O silogismo usado na argumentação cotidiana é denominado entimema ou silogismo retórico, categorização dada por Aristóteles, e se difere do silogismo demonstrativo porque suas premissas não são proposições evidentes, e sim geralmente admitidas, logo, verossímeis (Reboul, 2004). Assim o entimema (silogismo retórico) apresenta de imediato a conclusão, partindo do pressuposto de que as premissas são conhecidas, admitidas e socialmente compartilhadas por todos. O entimema, embora estruturado em proposições prováveis, não deve ser interpretado como um raciocínio inferior, mas como um raciocínio típico das práticas comunicativas do cotidiano.

Esse é o caso do verso “Pois desde março eu moro no computador” – um silogismo retórico ou entimema, uma vez que as premissas omitidas pelo orador ficam subentendidas, por serem conhecidas pelo auditório. Assim, na canção, é factível raciocinar um duplo entimema cujas premissas podem ser explicitadas por duas vias.

Quadro 1 – Silogismos retóricos ou Entimemas

Entimema 1	
Premissa maior:	Se a casa é onde vivo
Premissa menor:	Se a escola está em casa
Conclusão	Logo, vivo na escola
Entimema 2	
Premissa maior:	Se a escola está no computador
Premissa menor:	Se o computador está em casa
Conclusão	Logo, a escola está em casa

Fonte: Elaborado pelas autoras

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

Os dois entimemas reforçam-se mutuamente, direcionando o pensamento para a conclusão “moro no computador”. No primeiro entimema, as premissas maior e menor levam à conclusão de que “viver na escola” no contexto pandêmico de 2020 equivale a “morar no computador”. Os desdobramentos emergem no esgotamento pelo trabalho excessivo, na invasão do espaço domiciliar pela atividade profissional, na perda do espaço privado, na ausência de horários de trabalho definidos e na indistinção entre os espaços doméstico e de trabalho.

A segunda estrutura silogística pode ser examinada pelo raciocínio de transitividade: se A (escola) está em B (computador), e B (computador) está em C (casa), logo A (escola) está em C (casa). A conclusão é idêntica à anterior, indicando que a escola invade o espaço domiciliar, em que casa e escola se fundem. A fusão dos espaços computador-casa-escola, antes claramente demarcados, possibilita ampliar a análise do refrão, agregando as Metáforas Conceituais, propostas por Lakoff e Johnson (2002), que apresentamos mais adiante. Seguimos para a análise de metáforas em um espectro mais amplo.

4. AS METÁFORAS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O antepenúltimo verso do poema define o ensino remoto: “É o maremoto chamado ensino remoto”. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), o esquema argumentativo que estabelece uma ligação entre elementos do discurso por meio de uma analogia condensada caracteriza a metáfora, um argumento que fundamenta a estrutura do real.

Perelman (1993, p. 132) se refere à definição de Aristóteles, que descreve a metáfora como “uma figura que consiste em dar a um objeto um nome que convém a outro, operando-se esta transferência, quer de gênero para espécie, quer de espécie para o gênero, quer de uma espécie para outra, quer ainda com base numa analogia”. A transferência ou deslocamento de significados pode se formalizar em uma relação de quatro termos: “A está para B assim como C está para D” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 424). Os autores chamam de *tema* o conjunto de termos A e B, e de *foro*, o conjunto formado pelos termos C e D. Nessa relação de similitude, “o foro é mais bem conhecido que o tema cuja estrutura ele deve esclarecer [...]” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 1996, p. 424-425).

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

Assim, ao fazer o traslado de elementos conhecidos do *foro* para definir ou (re)significar o *tema*, o raciocínio metafórico atribui os significados que definem o termo não familiar (*tema*) na comparação, orientando o pensamento por meio de um processo de transferência e fusão de significados, que podem ser resumidos na formulação $A = C$.

No verso mencionado, o ensino remoto é o *tema* (A), objeto a ser definido, cujo *foro* para comparação e transferência de significados são as noções familiares que definem um *maremoto* (C). Assim, o quadro a seguir explicita *foro* e *tema* na metáfora que define o ensino remoto:

Quadro 2 – Metáfora: ensino remoto (A) é *maremoto* (C)

Tema	Foro
A e B são definidos pelo que se conhece dos termos C e D	C e D apresentam os significados se deslocam para definir A na relação com B
A – Ensino remoto	C – <i>Maremoto</i>
B – Ensino tradicional presencial (educação escolar)	D – Mar calmo (navegação)

Fonte: Elaboração das autoras

Assim, no raciocínio de quatro temos que caracteriza a metáfora, o ensino remoto (A) é definido na relação com o ensino tradicional presencial que caracteriza a educação escolar (B) pelos conhecimentos que orador e auditório compartilham a respeito de *maremoto* (C) na relação com a navegação em águas de um mar calmo (D). B e D podem ficar implícitos no discurso, de modo que o raciocínio se sintetiza na formulação $A = C$ – o ensino remoto é um *maremoto*. Compara-se o trabalho intelectual de ensinar com o ato de navegar – uma analogia de espécies diferentes, que transpõem significados, configurando o esquema da metáfora. A relação de semelhança se estabelece pela desestrutura e pelo caos que o *maremoto*, como intempérie, impinge à navegação, servindo de *foro* para denotar o abalo, a desordem e a situação fora de controle, que se estabeleceram com o ensino remoto emergencial (*tema*) na escolarização.

O refrão, examinado anteriormente pelos recursos de amplificação do discurso e como entimema, pode ser igualmente analisado no âmbito das Metáforas Conceituais. Como mencionado, Lakoff e Johnson (2002) sustentam que as metáforas estruturam nosso sistema cognitivo e conceitual a partir dos eventos rotineiros, comuns e das experiências corpóreas

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

compartilhadas. Nessa perspectiva, a metáfora não é simplesmente uma figura de linguagem utilizada especificamente para fins poéticos e literários. Para os autores, o pensamento e a ação humana têm natureza metafórica, ou seja, as metáforas são inerentes ao processo cognitivo humano, cujo empenho em compreender novos conceitos ocorre por meio da referência a conceitos já conhecidos.

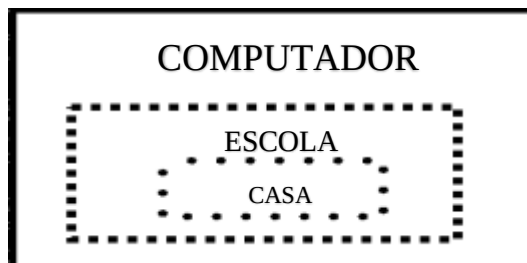
O corpo, como instrumento de cognição, remete às metáforas ontológicas cujo raciocínio se estabelece pelos limites da pele de nossos corpos, que abaliza nossa orientação dentro-fora – metáfora RECIPIENTE (Lakoff; Johnson, 2002). No refrão, emergem três recipientes – a escola, a casa e o computador –, cada qual com seus contornos definidos (orientação dentro-fora), seus espaços delineados e separados. No entanto, a situação pandêmica provoca o rompimento desses contornos que antes separavam o que estava fora e dentro de cada recipiente. Como desdobramento, a escola usurpa o espaço domiciliar, onde está o computador, de modo que casa e escola perdem seus contornos, mesclam-se, confundem-se e se fundem na tela plana do computador. Esses significados ficam reforçados pela análise do segundo entimema (silogismo retórico), indicado no quadro 1, que sugere a invasão do espaço domiciliar pelo trabalho docente, rompendo os limites dos recipientes casa e escola, antes demarcados enquanto espaços independentes e com funções próprias.

Mazzotti (2003, p. 92) considera a metáfora uma figura central para a argumentação por apresentar “uma condensação de significados produzida a partir da analogia”. Para o autor, as metáforas constituem o cerne das representações sociais, e “a identificação das metáforas que organizam uma representação social é mais produtiva do que qualquer outra técnica de análise do discurso” (Mazzotti, 2003, p. 92).

Na letra da canção, a metáfora conceitual RECIPIENTE, coordena e condensa o discurso acerca de trabalho docente na pandemia, constituindo o modelo ou *núcleo figurativo* das representações sociais de trabalho docente por professores no contexto pandêmico em 2020. A forma icônica (esquema) pode ser sumariada na imagem que segue.

MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020

Figura 1 – Modelo / Núcleo figurativo: trabalho docente na pandemia em 2020



Fonte: Elaboração das autoras

Aqui emergem as duas faces indissociáveis da representação: a face figurativa e a face simbólica, “entendendo com isso que a representação transmite a qualquer figura um sentido e a qualquer sentido uma figura” (Moscovici, 2012, p. 60).

A transferência da escola para o espaço doméstico provoca a ruptura dos contornos de ambos os recipientes – casa e escola – agora subsumidos na tela do computador, traduzindo a fusão desses espaços enquanto recipientes. A fusão de recipientes – casa-escola-computador – sugere a impossibilidade de distinguir quando o trabalho começa e quando termina. O computador é o RECIPIENTE que condensa o espaço físico da escola e da casa, amalgamando vida profissional e pessoal, operando como cela que, de modo ambivalente, aprisiona e liberta. Aprisiona ao tornar o trabalho docente refém dessa condição; liberta por constituir-se no meio possível para a manutenção do processo de escolarização e da realização do próprio trabalho do professor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a transição súbita do ensino presencial para o espaço virtual em 2020, modificando a rotina escolar e o contexto educacional, estudos e pesquisas foram relevantes para demarcar o cenário desafiador ao qual os professores foram submetidos, e os consequentes desdobramentos sobre suas vidas e seu trabalho desde então. A escola, *locus* do trabalho docente, ao se deslocar para o espaço domiciliar, desmancha os limites entre o espaço público e o privado, expondo as diversas dificuldades enfrentadas por professores e alunos no ambiente virtual.

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

As Representações Sociais, como teoria do senso comum, apresentam as interpretações construídas em interações sociais e contextos conversacionais, nos quais os sujeitos sociais apreendem o mundo à sua volta, de modo a se situarem e posicionarem quanto às informações compartilhadas acerca de um novo objeto social. Como aporte teórico, as Representações Sociais possibilitam apreender significados elaborados acerca de trabalho docente no contexto pandêmico, quando o ensino remoto emergencial se estabeleceu de modo repentino na rotina escolar, afetando a comunidade escolar e o trabalho docente.

A Nova Retórica, concebida por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), restabeleceu à Retórica sua função enquanto teoria argumentativa. Na argumentação, considera-se quem enuncia, para quem se dirige e o que é comunicado. Portanto, a comunicação tem por componentes a tríade orador, auditório e argumento, que atua de maneira conjunta, constituindo a base para que diferentes pontos de vista sejam examinados no contexto histórico e social. Ao apresentar-se como professora, a autora da canção inspira a credibilidade necessária para obter a adesão do auditório, o que poderia justificar a rápida difusão da canção nas redes sociais.

A articulação da análise retórica para identificar as representações sociais, como propõe Mazzotti (2011), oferece uma combinação útil e pertinente para expor crenças e valores disseminados no senso comum, bem como os esquemas argumentativos que desvelam o que se considera desejável ao explicitar os significados na investigação das representações sociais.

A análise retórica da letra da canção permitiu identificar as representações sociais de trabalho docente em 2020 por professores, apresentando os esquemas retóricos proeminentes que aparecem no refrão “pois desde março moro no computador”: a repetição, a hipérbole e a hipotipose, sustentados no lugar da quantidade. O *lugar da argumentação* privilegiado pela autora é o da quantidade, expondo o excesso de trabalho ao qual os professores foram submetidos na pandemia, de forma repentina e imprevista, inaugurando uma rotina desafiadora e exaustiva.

Na canção, o refrão que reitera a conclusão “moro no computador” se fundamenta em um duplo silogismo retórico (entimema) cujas premissas ficam implícitas por serem familiares ao auditório que comunga da realidade pandêmica. Os raciocínios também expõem significados expressos por meio de metáforas, revelando crenças e valores como

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

objetos de acordo facilmente aceitos pelo auditório. O foro maremoto para definir ensino remoto transfere os significados conhecidos da ação violenta das águas do mar de quem o navega para a educação escolar com aulas remotas em 2020, em que predomina a imprevisibilidade, apresentando a metáfora como figura do pensamento que fundamenta o real.

Quanto às Metáforas Conceituais, a fusão de espaços da casa e da escola, antes bem delineados, na tela de um computador, implica em excesso de atribuições, trabalho incessante, desafios tecnológicos a serem vencidos e ausência de contato presencial. A metáfora conceitual RECIPIENTE, de Lakoff e Johnson (2002), expressa a fusão dos espaços profissional e doméstico, em que escola e casa se tornam indistintos.

Em suma, o poema ressoa o lamento comungado por professores na experiência marcada pelo confinamento, cujas paredes da tela do computador ambigualmente ofereceram e cercearam o “contato dos espíritos”, retratando a dualidade entre libertação e aprisionamento que o ambiente virtual proporcionou na pandemia em 2020. Assim, a música, a poesia e a arte, de modo geral, oportunizam a captura, o registro, a manifestação de sentimentos e a reelaboração do pensamento de um momento *sui generis* que atravessou não apenas a educação escolar brasileira, mas toda a humanidade em 2020.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, por apoiar esta pesquisa e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Claudia Helena A.; MAZZOTTI, Tarso B. Representações sociais de vida: ensino escolar em debate na pandemia em 2020. *Discurso & Sociedad*, v. 17, n. 3, p. 448-471, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/dissoc.17.3.1>. Acesso em: 13 dez. 2024.

COSTA, Nelson Barros da. Canção popular e ensino da língua materna: o gênero canção nos parâmetros curriculares de língua portuguesa. *Linguagem em (Dis)curso*, UNISUL, v. 4, n. 1, p. 9-36, jul./dez 2003. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/253. Acesso em: 7 out. 2024.

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

DIAS, Érika. A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, v. 29, n. 112, p. 565-573, jul./set. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362021002901120001>. Acesso em: 24 set. 2024.

DIAS-TRINDADE, Sara; CORREIA, Joana Duarte; HENRIQUES, Susana. O ensino remoto emergencial na educação básica brasileira e portuguesa: a perspectiva dos docentes. *Rev. Tempos Espaços Educ.*, v. 13, n. 32, e-14426, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v13i32.14426>. Acesso em: 14 ago. 2024.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Metáfora: Figura Argumentativa Central na Coordenação Discursiva das Representações Sociais. In: CAMPOS, Pedro Humberto Faria; LOUREIRO, Marcos Côrrea da Silva (org.). *Representações Sociais e Práticas Educativas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 89-102.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Análise retórica: por que e como fazer? In: SOUSA, Clarilza P. et al. (org.) *Representações sociais: estudos metodológicos em educação*. Curitiba: Champagnat; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2011. p. 151-175.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. O conhecimento científico. In: VENTURA, Magda Maria (org.). *Metodologia Científica*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2013. p. 9-35.

MOREIRA, José Antônio; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. *Revista UFG*, v. 20, n. 26, p. 1-35, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438>. Acesso em: 14 out. 2024.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Tradução: Sonia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Covid-19 e o fim da educação: 1870-1920-1970-2020. *Revista História da Educação*, v. 25, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-3459/110616>. Acesso em: 18 ago. 2024.

PERELMAN, Chaïm. *O Império Retórico: Retórica e argumentação*. Tradução de Fernando Trindade e Rui A. Grácio. Porto: Asa, 1993.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**MINHA CASA, MINHA ESCOLA, MEU COMPUTADOR: A RETÓRICA
DO COTIDIANO DOCENTE NA PANDEMIA EM 2020**

SÁ, Celso P. *A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

SAMBA do Ensino Remoto (2020). Música: Felipe Bemol; Letra: Stella Maris Nicolau. Vídeo no canal do *Youtube* APUFSC Sindical (3 min 22 s). 12 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/zssB1wkU2y0>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Autor correspondente:

Claudia Helena Azevedo Alvarenga

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Rua J.J. Seabra, s/n – Lagoa – CEP: 22470-130 - Rio de Janeiro/RJ, Brasil.

Universidade Estácio de Sá

Av. Presidente Vargas, 642, 22º andar, CEP: 20071-001 - Centro - Rio de Janeiro/RJ, Brasil

alvarengacha@gmail.com

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença Creative Commons.

